

Fernando Pessoa

## SÃO JOÃO

### SÃO JOÃO

Ó Precursor, fizeste-la bonita!  
Não que teu Cristo, encarnação do Bem —  
Não seja quem seja o teu Divino Anunciado.  
O mal são os que após, sem mística divina  
Nem ternura cristã, ou só humana,  
Meteram a Jesus na cela da doutrina  
Com as algemas do ódio manietado  
Para depois manchar de falsa fé  
O pobre homem que todo homem é

A cruel multidão negramente infinita  
Que tem sido o algoz ou o ladrão  
Da ingénua humanidade aflita —  
Esses que, aqui mesmo, pelos modos,  
Dão ao inferno realização. . .

Ah, não podiam ser piores, nem  
Que a mulher do Diabo, se ele a tem,  
Os tivesse parido a todos.

Eu bem sei que houve muito santo e crente,  
Muito puro, bondoso e inocente.  
Bem sei, bem sei:  
Sei-o eu e sabe-o toda a gente.

Mas esses, cuja alma está em Cristo  
São só isto —  
Qualquer remédio que se dissolvesse  
No chá que para isso há,

E cujo gosto nele se perdesse;  
O chá fica sabendo só a chá.  
Se o remédio faz bem,  
Não o sabe ninguém.  
Que o chá não presta, não duvida alguém.

Sabemos isso, e sabê-lo-ia antes  
De todos nós teu Mestre que viria,  
Profeta, Deus e guia dos errantes,  
Quão dolorosamente o saberia?  
Sei que houve astros no céu da fé vazia.

Sei, mas repara que falso isso soa!  
Por mais astros que a noite use brilhantes,  
Que Diabo!, a noite não se chama dia.

Ó Precursor! Fizeste-a boa!

Daí, para nós, és de Lisboa,  
Não és o precursor de nada.  
És um rapaz ainda menino  
Que tem por missão boa,  
Por missão sorridente e sossegada  
Ter ao colo um cordeiro pequenino.

Lá o que esse cordeiro significa  
Não tem cheiro  
Para o povo, que tem a alma rica  
Da emoção que não conhece.  
Para ele o cordeiro é um cordeiro,  
E o menino sorri e a vida esquece.

O resto são fogueiras  
E os saltos dados a gritar  
Com um medo exagerado  
Feito tudo de maneira  
A mostrar

O riso, as pernas e o agrado.  
É quente e anónima a aragem,  
Tudo é juventude e viço  
Num arraial multicolor e vasto.  
Bonito serviço  
Como homenagem  
A quem, ainda com cabeça, foi um casto!

Mas é assim que és  
E é assim que serás,  
Até que pisem esta terra os pés  
Do último fado que o Destino traz.

Então, esperamos, eu e todos,  
Ver-te «surgir no céu», como quem vence  
Tudo que é realidade ou ilusão  
Por o menino ser que lhe pertence,  
E os seus bons e santos modos  
«Com o cordeirinho na mão»,  
Como te viu Catullo Cearense.

Mas, desçamos à terra,  
Que, por enquanto, o céu aterra,  
Porque antes disso mete a morte.  
Há muita coisa desconhecida  
Na tua vida.  
Tens muita sorte  
Em ninguém saber da partida  
Que em mil setecentos e dezassete  
Tu fizeste à Igreja constituída  
Estás, eu bem sei, cansado  
Com o que a Igreja se intromete  
Com tua vida e o teu divino fado.

(E) foi então que, para te vingar  
E à maneira de santo, os arreliar  
Desceste mansamente à terra

Perfeitamente disfarçado  
E fizeste entre os homens da razão  
Um milagre assinado,  
Mas cuja assinatura se erra  
Quando em teu dia, S. João do Verão,  
Fundaste a Grande Loja de Inglaterra.  
Isto agora é que é bom,  
Se bem que vagamente rocambólico  
Eu a julgar-te até católico,  
E tu sais-me maçõn.  
Bem, aí é que há espaço para tudo,  
Para o bem temporal do mundo vário.  
Que o teu sorriso doure quanto estudo  
E o teu Cordeiro  
Me faça sempre justo e verdadeiro,  
Pronto a fazer falar o coração  
Alto e bom som  
Contra todas as fórmulas do mal,  
Contra tudo que torna o homem precário.  
Se és maçõn,  
Sou mais do que maçõn — eu sou templário.

Esqueço-te santo  
Deslembro o teu indefinido encanto.

Meu Irmão, dou-te o abraço fraternal.

**Fernando Pessoa: Santo António, São João, São Pedro.** Fernando Pessoa. (Organização de Alfredo Margarido.) Lisboa: A Regra do Jogo, 1986.